

EST. CONST.

Ass Const - Com. Prado

Constituinte patrimonialista-II

J. O. de Meira Penna

Prosseguindo na análise dos primeiros resultados que parecem emergir dos trabalhos da comissão encarregada de redigir o anteprojeto da futura Constituição da República, desejo hoje me referir à afirmativa do presidente da Comissão, o nobre ministro Afonso Arinos, que classificou de "fraco" o empresariado brasileiro, pregou a "ação vigorosa, justiceira e intervencionista do Estado brasileiro" e, de um modo geral, defendeu o prosseguimento da política de centralização empreendida pelo grande Dinossauro. É fácil de entender a postura de s. exa. Dizia-se antigamente que havia três grandes e sólidas instituições em nossa terra: a Igreja, o Exército e a família Mello Franco. A Igreja revela-se hoje irremediavelmente dividida entre romanos e seguidores do bofe messiânico S. Leonardo Mártir. O Exército saiu escarmentado de vinte anos de hegemonia, depois que caiu na esparrela centralizadora, terceiromundista, estatizante e obstinada de Geisel, o Alemão, e de João, o Inesquecível. De modo que só sobra mesmo a família Mello Franco. Ora, essa família é paradigmática. Ela está intimamente associada ao tipo de sociedade patrimonialista que é a nossa, desde o tempo de seu antepassado de Paracatu, tão desalrosamente retratado como devasso, malandro e parasita do poder, na novela Dona Beija, da TV Manchete. A partir de sua ligação com o Ouvidor Geral Silveira da Mota, os Mello Franco representam supinamente o nacional-oligarquismo dessa classe burocrática, eternamente parasitária do Estado, incapaz de distinguir seus interesses privados dos interesses públicos; com a mentalidade da omertà que tem sido um dos principais fatores desse conservadorismo retrógrado, característico da sociedade patrimonial brasileira. As atitudes demagógicas, a campanha eleitoral em mangas de camisa do alto de um caminhão, a lei anti-racista, as declarações pseudoliberais e esquerdizantes, a "política externa independente" do período janista — tudo isso constitui o inseparável componente retórico, destinado a encobrir com uma cortina de fumaça os privilégios tradicionais da família. Mudam os governos, mudam os regimes, mudam as ideologias da moda, e os Mello Franco continuam no poder, firmes como o Pão de Açúcar... ou como aquele bonequinho japonês que, por mais que seja derrubado, fica sempre de pé. Um bom exemplo desse malabarismo acrobático com uma segura rede de proteção é o do jovem membro da família, Afonsinho, o diplomata. Nos idos de 62/64 Afonsinho era deputado na Guanabara e se proclamava tão radicalmente à esquerda que considerava o presidente Juscelino Kubitschek como irremediavelmente retrógrado, Goulart como ultrapassado e o próprio Brizola como um incômodo e inepto moderado. Veio a "Revolução" de 64. Afonsinho não foi cassado, não, voltou para o Itamaraty, foi pro-

movido duas vezes por merecimento no tempo do AI-5 e se locupleta hoje com o alto encargo de embaixador junto à Santa Sé. Lá está presumivelmente apto a avaliar, in loco, as perspectivas relativas de sucesso no Brasil da Igreja romana ou da Esquerdigreja marxista... por se acaso!

A Comissão Arinos é tida pelos jornais, inclusive pelo Jornal do Brasil, como de tendência "progressista". É um escárnio! Chamar de "progressistas" e "liberais" essa panelinha de subintelligentia que teima em manter o País sob a batuta do monstruoso Estado patrimonialista, empreguista, clientelista, fisiológico e arcaico! Chamar de "liberais" esses ideólogos reacionários que não querem progredir além da época terciária dos Dinossauros! Trata-se de uma grotesca subversão orwelliana da semântica qualificar como avançados esses iluministas, românticos ou jacobinos que consideram "fraca" a iniciativa privada e propõem um maior reforço da centralização burocrática no Estado leviatânico. Esquecem-se que Rousseau está na linha de Hobbes! Podem ser tidos como democratas esses nacional-socialistas de esquerda que pregam a "sociedade de massas", desejosos de reduzir o Brasil ao subdesenvolvimento autárquico, tendo como modelo a Albânia? Pode ser tido como liberal o padre Bastes D'Ávila, discípulo de Hegel, o mesmo que anunciou a morte de Deus e considerou o Estado despótico prussiano como a própria encarnação do Espírito Absoluto? Pode ser tido como progressista o nefelibata Cândido Mendes? O mediocre Eduardo Portella? Os geniais marxistas Sepúlveda Pertence, Bolívar Lamounier e Celso Furtado? O nacional-socialista Hélio Jaguaribe? No que diz respeito a Jorge Amado, considero que o fato de ser indiscutivelmente o maior escritor brasileiro vivo e evocar, com talento, o aspecto libertino e erótico da sociedade brasileira tradicional, glorificando ao mesmo tempo Luís Carlos Prestes como o "Rei Luís", montado no cavalo da esperança que vai salvar o Brasil, não constitui título suficiente para opinar sobre a organização democrática futura do País. E o próprio Afonso Arinos, herdeiro mais empedernido da oligarquia patrimonialista que governa o Brasil desde os tempos barrocos da Paracatu de 1822 e nunca leu Adam Smith, nem Locke, nem Tocqueville, nem Burke, poderá merecer o título de liberal? Um dos membros da Comissão, precisamente seu secretário, Ney Prado, observou com humor que esses constituintes de nível niçargüense não desejam apenas nacionalizar a informática, a indústria automobilística, os bancos e o comércio exterior, fechando e trancando o Brasil justamente no momento em que os ventos de abertura sopram até sobre a China. Desejam nacionalizar a própria divindade. Pois não é Deus brasileiro?